

# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIV, nº 110, dezembro - 2021/janeiro - 2022

## O ARTICULISMO CULTURAL DE M. PAULO NUNES

*Enéas Athanázio*

**T**anto a crônica como o artigo, em regra, têm como suporte a página do jornal ou da revista. Podem, mais tarde, ocupar espaços de livros, o que é mais ou menos comum, embora não sejam eles seu destinatário original. E, no entanto, a crônica é um gênero literário, ao passo que o artigo não. Com efeito, dentre os gêneros literários em prosa os teóricos excluem o artigo. Hênio Tavares, por exemplo, para citar um autor didático, arrola o romance, a novela, o conto, a crônica, a anedota, a fábula, o apólogo e a parábola.

Quanto ao artigo, costuma ser definido como gênero jornalístico, a exemplo do editorial, da reportagem, da entrevista etc. Os manuais de redação de grandes órgãos de imprensa costumam defini-lo, com ligeiras variações, como “gênero jornalístico que traz interpretação ou opinião do autor, sempre assinado e que pode ser escrito em primeira pessoa.”

Não significa isso que a feitura do artigo seja fácil. Também ele tem suas regras e medidas. Costuma ser o instrumento de que jornalistas e escritores se valem para transmitir opiniões, ideias, in-

formações e ensinamentos, inclusive sobre temas e obras de literatura, aonde vão pingando noções que contribuem para a cultura em geral e a literária, em particular. Nesta última área, não são muitos os articulistas que escrevem e publicam com constância em todo o país. É por isso que merece atenção o trabalho que realizou nesse campo o professor e acadêmico piauiense M. Paulo Nunes. Desde que o conheci e acompanhei seu trabalho – e lá vão muitos anos – ele apareceu na imprensa teresinense, de Brasília e de outras localidades com uma frequência admirável, mantendo sempre seus textos em alto nível, fosse criticando livros ou enveredando pelos caminhos da educação, tema em que foi “expert”, ou da cultura em sentido lato. É um articulismo cultural vasto e variado, cujos textos selecionados recheiam três volumes sob o título geral de “Modernismo & Vanguarda.”

Sempre em linguagem rica e elegante, M. Paulo Nunes revelou em cada novo texto sua erudição admirável, fruto de incansáveis leituras e meditações, a sensibilidade na abordagem dos temas e

a penetração na análise de obras alheias. Conhecedor da história e da evolução da literatura, dominou como poucos a teoria do romance, sua técnica, escolas e tendências, e revelou uma visão abrangente, sempre atualizada, do que se produziu no país e no exterior. Como costumava dizer, foi um escritor da província que se recusou a ser provinciano. Também não perdeu de vista a produção de seus conterrâneos piauienses. Quase tudo que lá foi produzido passou pelo seu crivo, numa espécie de batizado sem o qual o novo ente literário não se integra ao conjunto. E por outro lado, mesmo sem qualquer pretensão magisterial, seus artigos guardam um quê didático, revelando, no fundo, o professor que foi a vida inteira. Seus artigos estão sempre ensinando, orientando e opinando para que o leitor possa se situar e tomar o caminho correto.

M. Paulo Nunes, sem dúvida, foi um dos grandes articulistas culturais de longo período e seus textos engrandeceram a imprensa do Piauí e do Brasil. Sua ausência deixa um vazio no meio literário e no coração de seus amigos.

## PÓS-ILUMINISMO E O GRANDE DESAFIO DO SÉCULO

*Gilmar Duarte Rocha*

**D**aqui a trezentos anos talvez, estudantes em sala de aula numa redoma da estação lunar estejam fazendo um trabalho de pesquisa sobre a cultura no Século XX, da mesma forma que estudantes de hoje se debruçam sobre livros ou espalham os olhos sobre telas para pesquisar a cultura no século XVIII, ou Século das Luzes, quando a humanidade parece ter sido acordada com um beliscão de ideias que não se viam desde a Grécia Antiga.

Continuação na pág. 4

## O NOVO CORONELISMO EM TORTO ARADO

*Ronaldo Costa Fernandes*

**A**pós a geração brasileira do romance de 30, neorrealista, veio uma profícua modificação de ver o campo: agora, com Guimarães Rosa, o sertão era mais lúdico. A características como conflitos sociais, seca e disputa de terras, tinha sido acrescentada uma forte presença de técnicas literárias como o monólogo interior (Autran Dourado), planos diversos (Herberto Sales) e até mesmo componentes psicológicos mais acentuados. O campo não deixara de ser de denúncia, mesmo em autores que não eram de esquerda como o próprio Herberto Sales e Adonias Filho. *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, vem se somar à primeira fila do romance regionalista. Há um retorno vigoroso aos modelos vigentes nas construções estéticas dos anos 30 do século passado. Introduzem-se porém questões mais recentes como a permanência dos quilombolas em suas terras, a discussão (pouca) da negritude, a agressão doméstica feita às mulheres, entre outros picotados assuntos.

Continuação na pág. 8

# FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

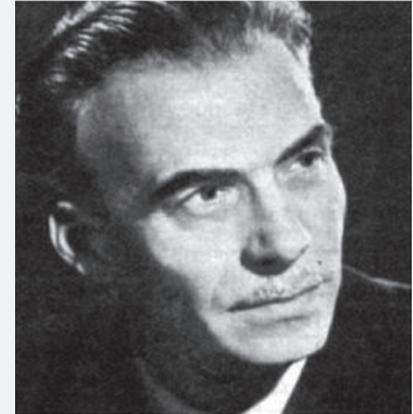
Ariovaldo Pereira de Souza

O melhor exemplo de capacidade de mobilização e de se estabelecer um diálogo entre a sua própria tradição e o mundo externo, é a realização do Festival Folclórico de Parintins. Realizado anualmente nos dias 28, 29 e 30 de junho, desde 1965, o Festival organiza-se em torno da competição entre dois grupos folclóricos, os bumbás Garantido, da cor vermelha, e Caprichoso, da cor azul. Numa época em que tudo é espetáculo, certas manifestações populares coletivas tornam-se uma espécie de chamariz para as manifestações de puro exibicionismo televisivo. Mas o Festival Folclórico de Parintins é não apenas um grande espetáculo de massa, que sabe usar os veículos de comunicação, como se transforma na maior e mais importante manifestação cultural dos povos da Amazônia na virada do século XX para o XXI. Um espetáculo que aparentemente tem mais a ver com a indústria cultural do que com a cultura tradicional ou rústica. E é isso que impressiona, porque o Festival de Parintins tem o dom de fazer com que duas coisas supostamente incompatíveis permaneçam lado a lado num mesmo sistema canônico. Dança dramática tradicional e espetáculo de massas com duas faces de uma mesma moeda, em que tradicionalis-

mo e método de produção cultural em série se confundem num único resultado. Por isso, o Festival de Parintins, como manifestação de folclore, é algo que não cessa de surpreender, de escandalizar os puristas. Aliás, investir contra Parintins especialmente usando conceitos populistas, é remar contra a corrente, é desviar a atenção do principal. Primeiro, porque é uma manifestação popular autêntica, pois busca a forma clássica, e releitura de uma das mais enraizadas formas de dança dramática popular, que é o boi-bumbá, cujas raízes se perdem na aurora da civilização latina, e é, também, um grande espetáculo de massas, que não recua frente à tecnologia ou ante aqueles preceitos que dizem que entre o povo nada muda ou pode mudar. O melhor de tudo é que o Festival de Parintins faz anualmente a revisão orgulhosa do imaginário amazônico, seduzindo todos os brasileiros e muitos estrangeiros. E se ainda conserva fragmentos de um mundo rústico, em aparente processo irreversível de extinção, o que se vê é um espetáculo que clama a plenos pulmões a vontade de um povo. Trata-se de uma ousadia. Que persista o caráter ousado do Festival de Parintins. (*História da Amazônia*, obra de Marcio Souza, pág. 331).

## Soneto do Mês

ZAIRA, A CIGANA  
Mário Rossi



Zaira, a cigana, leu a minha sorte,  
viu vultos de mulher na minha mão,  
mas nada disse dessa inquietação  
que deixa a minha bússola sem norte.

Por Zaira, ave-mulher de arribação,  
eu, que era tido como um homem forte,  
perdi toda a arrogância do meu porte,  
vergado ao peso da recordação.

Zaira, a cigana, a dona da alegria,  
a que decifra as linhas do destino,  
se lesse as próprias mãos, descobriria

em cada linha a intensa vibração  
dos acordes e arpejos de um violino  
que tem a forma de meu coração.

(Seleção de Napoleão Valadares)

## NEGRINHO DO PASTOREIO

Grande Otelo

Ei, ô brasileiro!  
Vai ao Sul  
Onde o Negrinho do Pastoreio  
Pastorejou e perdeu  
Perdeu e encontrou  
A cavalhada do "Sinhô"  
Vai lá brasileiro, e vê  
Aqueles verdes Pradêras  
Quase bandeiras brasileiras  
Brincando ao sol de céu azul  
Do Rio Grande do Sul!...  
Você encontrará na encruzilhada  
Um toco de vela preparada.

É só acender e deixar uma prece jogada  
Rezada  
Pela felicidade procurada  
  
O negrinho descerá e subirá cañadas  
Em correrias desenfreadas...  
Beberá a água das sangas  
E sempre sozinho, pois ninguém o vê.  
Mas quando voltar há de trazer  
A felicidade procurada por você.

(Do livro *Bom dia, Manhã*)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F - Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 - Brasília - DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

30ª DIRETORIA  
2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha  
2º Vice-Presidente: Sônia Helena  
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira  
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira  
2º Secretário: Noélia Ribeiro  
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza  
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa  
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo  
Diretora de Divulgação: Sandra Maria  
Diretor de Edições: Afonso Ligório  
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos,  
Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi  
Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo  
Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 110 – dezembro 21/janeiro 22

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,  
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e  
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303  
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# SAUDAÇÃO A LUCÍLIA GARCEZ NA ABrL, em 24.10.2019

Margarida Patriota

**R**einava a mineira Lucília Helena do Carmo sobre a amplidão farfalhante de um vasto coqueiral, quando me foi dada a oportunidade de conhecê-la em seu reino. Tudo conspirava para que sua mineirice desterrada se acomodasse num habitat que lhe conferia condição de rainha da cocada mole, quando a sociedade usineira a que se afiliara por matrimônio a enfadou, melhor dizendo, a aperreou num grau que a levou a abandonar, de mala, cuia e três filhotas, seu latifúndio entre canaviais e mar, pelas bandas do litoral sergipano, para vir buscar em Brasília o latifúndio de algo esquivo e intangível chamado Literatura. O que parecia desprendimento inconsequente de juventude era, na verdade, ambição. Terras mensuráveis, eivadas de coqueiros contabilizáveis não lhe bastavam. Queria domínio sobre o terreno maior da inesgotável combinatória das letras em vocábulos, vocábulos em unidades de sentido; queria em mão o quanto pudesse abarcar do mundo da escrita e da imaginação traduzida em palavras impressas.

Leitora inveterada já era, por então. “Devoradora de livros” no dizer da amiga Dad Squarisi. Tão logo obteve diploma de Mestre em Literatura, com tese sobre a retórica do fantástico em Murilo Rubião, empreendeu doutorar-se na área de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas e tornou-se professora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. De par com a docência e a pesquisa acadêmica, não demorou a ser convocada assiduamente para participar de inúmeras bancas de concursos públicos e de correção de redações de exames de vestibular.

Num mister em que milhares de composições textuais de vestibulandos taludos, nos seus dezessete, dezoito, dezenove anos, chegavam-lhe à vista, matéria a reflexão não lhe faltou, à medida que tropeçava a cada duas linhas em asserções que lhe causavam perplexidade. Era um aluno a considerar o “ditongo a repetição da música típica mais popular da Argentina”; outro a estimar “Apóstrofes, os dozes homenzinhos que comeram com Jesus e que Miguelanjo bateu a foto”; outro a argumentar que “com essa mania de proteger o meio ambiente o ambiente todo se ferra”.

Numa altura em que Péricles surgia como o “principal ditador da democracia morto num movimento de terra não cultivada outrossim chamado terremoto”, Lucília, sobranceiras erguidas, decidiu oferecer seu contributo para tentar minorar o fracasso escolar com que se deparava. Dedicou-se com afinco ao estudo da expressão escrita em língua materna, no tocante à eficácia perante o outro, o outro a quem nos dirigimos, afinal de contas, quando escrevemos.

(...)

Na sequência do livro *A escrita e o outro*, Lucília elabora o compêndio prático: *Técnica de redação – o que é preciso saber para bem escrever*, que lhe sai pela editora Martins Fontes. O conhecimento que o livro se propõe a oferecer, resume-se, segundo a autora, na “descristalização” de alguns mitos,

a saber: o de que escrever seja um dom que poucas pessoas têm; de que seja um ato espontâneo, que não requer empenho; de que se resolva com duas, três dicas; de que seja desnecessário no mundo atual; de que seja desligado da leitura; de que seja desvinculado de contextos sociais. Escusa dizer que para desbancar tais mitos Lucília se vale de abalizados conceitos e teorias da comunicação que ela traduz em linguagem despretensiosa e clara.

Enquanto se esforça em mostrar a professores e alunos que produzir um texto escrito funcional, eficaz o suficiente para não prejudicar a vida profissional, não é um bicho de sete cabeças, mas supõe reflexão, processo atento de releituras e reescrituras, bem como vontade de ser compreendido e apreciado pelo outro, Lucília, na maciota, escreve textos em que meramente fabula para dar vazão a seu pendor criativo.

(...)

Acalentava, então, Lucília Helena, a aspiração de enveredar pela senda da escrita criativa, lúdica, informal, imaginativa, fora dos quadros da responsabilidade docente universitária, quando, para transportá-la justamente nesse rumo, aparece-lhe um cavalo encilhado. Um indivíduo puxando o cavalo encilhado, melhor dito. Vinha o homem das paragens dos coqueirais que Lucília deixara para trás. De perto de onde uns envergam gibão, peitoral, pernas de couro cru e soa natural que se chamem Josimar.

(...)

Boas parcerias são aquelas em que os parceiros não se sufocam mutuamente, não inibem os voos solo de cada qual. No milênio em progresso, resta a Lucília energia de sobra para ampliar sua produção literária independente e se associar a ilustradores de variadas linhas. Escreve livros de cunho paradidático com ilustração a cargo da editora Callis, por exemplo; escreve *Palavras mágicas, Alfinete, o porco espinho, A primeira vez que vi o mar* para a editora Franco, de Juiz de Fora; publica *Eu me lembro de vovô Hermé*, pela renomada editora paulista Panda Books.

Eu também me lembro de vovô Hermé. Simples, suave, sábio, glutão o suficiente para esconder o seu queijo favorito num cofre; avoadado o bastante para colocar uma caixa de sapato — com os sapatos dentro — na geladeira. Lucília tem muito de vovô Hermé. É simples, suave, sábia, quando explica as teorias mais intrincadas da escrita; é simples, suave, sábia quando conta histórias para leitores principiantes; é simples, suave, sábia, até quando o assunto de sua história não é propriamente suave, como acontece em *Outono*, o seu primeiro romance.

Temos, em *Outono*, o relato franco e pungente de uma paisagista de meia idade que no desconforto de um estado civil incerto, vive uma vida de viúva metida entre plantas, livros e a lembrança do marido desaparecido, para ela insepulto, embora dado como morto, oficialmente, pelas forças de repressão do período da ditadura militar no Brasil. Obra de quem conhece em

profundidade o panorama cultural brasileiro das décadas de 1960 a 1980, *Outono* revela uma narradora que se expressa em estilo simples, de timbre suave e sábia tessitura; que se revela sensata no uso das palavras, oportuna no dizer, madura no comentar abundantes leituras. Impossível não distinguir a trajetória da própria autora no painel livresco que a narradora de *Outono* oferece ao leitor, como segue:

*Desde menina eu gostava de ler. Primeiro foram os gibis: Pato Donald, Bolinha e Luluzinha, Lili, Mandrake, Fantasma... em seguida as fotografias traduzidas do italiano com adaptações de romances europeus clássicos e fotos de artistas que representavam a cena do enredo. Depois as histórias de amor em revistinhas semanais, que tinham sempre a mesma trama: uma moça pobre era seduzida e abandonada, mas encontrava um rapaz rico que a acolhia, perdoava sua fraqueza do passado e eram felizes para sempre. Até que descobri a literatura.*

*No colégio, o professor de língua portuguesa indicou a leitura de Clarissa, de Érico Veríssimo. Aquilo era infinitamente melhor que os contos de amor da banca de revistas. Eu me identificava profundamente com a personagem. Começou então uma paixão pelos livros que me acompanharia para sempre.*

*Durante a adolescência, descobri os românticos e li José de Alencar numa edição antiga da Garnier, de capa dura forrada de percalina verde. [...] Depois conheci Machado de Assis, Lima Barreto, Vieira, para então [...] chegar à descoberta dos contemporâneos: Clarice Lispector, Rubem Braga, Fernando Sabino, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego.*

*Na juventude apaixonei-me pela poesia [...] A Literatura estrangeira foi chegando aos poucos: Balzac, Steinbeck, Hemingway, Fitzgerald, Kafka, Sartre, Rilke, Camus, Proust.*

Steinbeck. Esse sobrenome reverbera em mim, inseparável dos idos de 1977, quando tive a oportunidade de travar amizade com Lucília. Em meio à conversa que entabuláramos, lembro-me, como se fosse hoje, de Lucília me recomendando vivamente que lesse a novela *A pérola* de John Steinbeck.

Julgo *Outono*, por sinal, um romance de brilho lunar perolado. Romance escrito por mão de autora que sobre ser firme no que escreve é uma pérola de pessoa. Uma pérola, assevero, certa de que utilizo com propriedade e rigor o bordão. Já que Lucília é uma pérola, convenhamos. Não há negar. É uma rosa, por que não dizer, para sacramentá-la de vez com outro estereótipo feminino. Rosa, desde quando plantou o jasmim do seu conto “Flores e peixes”, até quando afirma, sabedora: “É época das hortênsias”, na abertura de seu romance de fôlego *Outono*. Lucília é uma rosa, é uma

rosa, é uma rosa. Quisera guardá-la (como Hermé sua caixa de sapato) na geladeira, pois penso que, além de flor, ela é um doce, é um doce, é um doce.

E, uma vez que ecos de Gertrude Stein me assaltam, não me furto de associar Lucília Garcez à mencionada figura-chave do cenário artístico e literário ocidental, em primórdios do século XX. Assim como Gertrude Stein converteu seu lar parisiense, na rue de Fleurus 27, do *Quartier latin*, num ponto de encontro relevante para pintores e escritores da geração que militou nas artes, no período que vai da primeira à segunda guerra mundial, assim o faz Lucília (e sem a prepotência provocadora da mecenas norte-americana em Paris), na QI 10, conjunto 7, casa 29, do Lago Norte, bem como nos diversos grupos de leitura e coletivos de autores que ela fomenta, lidera, dinamiza, apazíguia, ajuda a congregar em Brasília. Por essas e outras fomentações, fermentações, redações, edições, lições, criações literárias suas, só me resta decretar desta tribuna, Lucília Helena do Carmo Garcez é uma escritora, é uma escritora, é uma escritora, de se abrigar sem vacilo nos anais desta Academia.



ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS – ABrL

### INSCRIÇÃO

Na forma e para os fins do art. 13 do Regimento Interno, é declarada a vacância da Cadeira nº XIII (patrono: Manuel Antônio de Almeida), vaga pelo falecimento da acadêmica Lucília Garcez.

Fica aberto o prazo de 30 (trinta) dias a contar desta publicação para inscrição de candidatos ao seu preenchimento, os quais deverão satisfazer as condições exigidas pelo art. 2º do Estatuto.

As inscrições serão feitas na secretaria da Associação Nacional de Escritores – ANE, SEP Sul 707/907, Bloco F, Edifício Escritor Almeida Fischer, tel. 3242-3642.

Brasília, DF, 25 de novembro de 2021

Fabio de Sousa Coutinho

Presidente da ABrL

Continuação da página 1

# PÓS-ILUMINISMO E O GRANDE DESAFIO DO SÉCULO

*Gilmar Duarte Rocha*

**H**omens como John Locke (1632-1704), Voltaire (1694-1778), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Montesquieu (1689-1755) e Denis Diderot (1713-1784), apenas para citar alguns, como que enfeitados por uma espécie de seita imaginária, não obstante terem sido formados em estabelecimentos de ensino diferentes e em períodos distintos, foram picados por uma espécie de mosquito que transmitia um vírus que agitava o cérebro e tornava a cognição deles atenta e conectada com os movimentos, insatisfações e desejo de transformação que vicejavam em toda sociedade à época. O resultado foi assustador e revolucionário, pois essa geração de intelectuais produziu farto material que agitou a estrutura político-social, como os trabalhos de Rousseau; a filosofia política alicerçada no empirismo que permitiu estudos que desaguarão no liberalismo, como os trabalhos de John Locke; a compilação de conhecimentos sob a forma de enciclopédia, ideia de Diderot; a criação de novelas e fabulações a partir da imponderável mescla do conhecimento de física, metafísica e história, como bem engendrou Voltaire; e os conceitos e estudos de separação de poderes; manutenção das liberdades civis e fim da escravidão humana, como o iluminado Montesquieu tão bem condensou na sua obra chave *O espírito das leis*.

Essas criaturas especiais não apenas vieram ao mundo com a cabeça iluminada; a formação de todos eles consistiu no amálgama de ideias de várias civilizações passadas associado com o turbilhão de anseios da sociedade, cada dia mais populosa, mais inquieta, e, por corolário, ávida por mudança na estrutura política, econômica e social da época, ainda amparada no feudalismo e seus

aspectos primitivos. Eles, os chamados Iluministas, não foram apenas passageiros de um tempo; eles foram construtores intelectuais, artífices, arquitetos de uma nova era que ansiava em chegar. Eles não viajaram de um lugar para outro. Fizeram a sua insurreição fincando raízes em seu próprio lugar, físico e temporal.

Voltando aos estudantes que estarão pesquisando os intelectuais do século XX (ou nascidos nesse século), ele destacarão, com certeza, mentes brilhantes, homens que usaram os neurônios para criar engenhos e fórmulas de toda natureza e que produziram uma revolução monstruosa nos costumes; que encurtaram caminhos; que simplificaram a forma de viver de um lado e a tornaram complexa de outro; que alongaram a vida de muitos e exterminaram a vida de outros tantos, enfim esses seres da chamada Idade Contemporânea, que caldearam conceitos e fórmulas de antepassados com um sistema de encaixes de peças de conhecimento, como um complexo quebra-cabeças de epistemologia, para montar artifícios de toda espécie e natureza.

Contudo, vistos de longe, os gênios do século passado serão vislumbrados como passageiros de uma época, que simplesmente embarcaram num meio de transporte virtual e produziram coisas úteis; coisas dispensáveis; coisas que se autodepreciam; coisas voláteis; mas que certamente não deixarão muitas sementes para a estrada do futuro, apesar da genialidade de alguns gigantes do pensamento e da criação como Albert Einstein, nas ciências exatas; Alexander Fleming, nas ciências da vida e, no nosso campo, o do pensamento escrito, os filósofos Jean-

-Paul Sartre, Albert Camus, Foucault e Bernard Shaw.

Como os pensadores do século XX ficaram devendo no quesito iluminação, em relação aos seus pares do Século das Luzes, o que a gente espera, até porque a gente se preocupa com o futuro dos nossos descendentes, é que no século XXI, haja pessoas, criaturas de mente brilhante, que não ocupem o tempo tão-somente se dedicando a construir equipamentos bélicos; hardwares de produtividade; softwares de comodidade e máquinas nocivas ao ecossistema, e se preocupem em queimar os neurônios em pesquisas empíricas ou tratados epistemológicos que resolvam o grande problema que se desenha atualmente na humanidade e que tem que ser solucionado em um prazo razoável, que é a questão da hiperpopulação no planeta; como alimentar essa grande massa de viventes e, principalmente, como ocupar esse enorme contingente tendo em vista as necessidades básicas, a que todo ser humano tem direito e que está previsto nas regras internacionais homologadas pela ONU já há algum tempo, pois o que se vislumbra nessa árdua estrada, no momento, é um alto grau de incerteza quanto à redução do nível de desigualdade social e econômica, haja vista o crescimento geométrico da robotização e as perspectivas ínfimas de criação de postos de trabalho e ocupação; o emprego, tão necessário ao ser humano quanto o ar que a gente respira.

A solução certamente não virá de homens de palavras vazias. Virá do trabalho e da inspiração de pensadores; pessoas que devem ser incentivadas e fomentadas pelos estados; pessoas que poderão receber o rótulo, quiçá, de pós-iluministas.

## CASO CERTO

*Fabio de Sousa Coutinho*

A literatura produzida em Goiás, ou por escritores de origem goiana, já forneceu à cultura brasileira, para citar apenas alguns dos grandes que já partiram, Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, J. J. Veiga, Cora Coralina.

Nos dias que correm, outra boa safra de cultores do engenho literário se faz presente, com solidez, criatividade e senso estético, tudo em grau elevado. É o caso deste belo *No Verso do Caso, volume II*, com que Sandra Maria dá continuidade à obra construída a partir dos preciosos poemas de *Folhas Secas sob meus pés* (2017) e de *No Verso do Caso* (2019), em que a poesia se aliou a outro gênero de relevo superlativo, o conto,

evidenciando o ecletismo da autora, sem perda de qualidade, em momento algum.

A rigor, com a publicação de *No Verso do Caso II*, a dicção poética de Sandra Maria se enlaça às lições imortais de Charles Baudelaire, para quem a missão do escritor é transformar a dor em arte. Assim na poesia como na prosa contística, Sandra Maria, para muito além da força e do brilho estritamente literários, ressalta e eleva a humanização da vida, missão reservada a muitos, porém cumprida por uns poucos.

No lamento final do monumental *Rei Lear*, William Shakespeare escreveu que tristes são os “tempos em que cegos são guiados por loucos rumo ao abismo”. A fatura poética e ficcional que ora nos chega às mãos sinaliza

que a esperança e o amor à vida ainda podem prevalecer por mais trevas que sejam as condições e as circunstâncias em que o artista labora.

Sandra Maria, uma vez mais, demonstra isso, legando a seus privilegiados leitores a justa expectativa do “quero mais”, fazendo lembrar a conclusão imortal do *Sermão da Sexagésima*, na qual o Padre Antônio Vieira alertou: “(...) Saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto.” Ou, como se extrai das palavras felizes, cultas e atualíssimas da autora deste livro inspirador,

“(Primavera  
A vida se impregna  
e agradece)”.

## CALA-SE UMA VOZ RECONHECÍVEL

*Cineas Santos*

Na manhã desta quinta-feira (14/10), saiu de cena M. Paulo Nunes, umas das figuras mais representativas da cultura piauiense. Como nenhum outro dos seus contemporâneos, Paulo Nunes encarnou, com perfeição, a figura do intelectual clássico: erudito, brilhante, formal, e atento aos rumores do mundo. Não bastasse isso, gostava do que se convencionou chamar de “vida literária”. Vaidoso, jactava-se, com razão, de sua prodigiosa memória. Era capaz de citar, de cor, estrofes inteiras de “Os Lusíadas”, ou fragmentos das obras de Eça de Queiroz, Proust, Machado de Assis e Euclides da Cunha, seus autores prediletos. O poeta Dobal dizia dele: “Teria sido o melhor adido cultural do Brasil em Portugal”.

Íntegro e competente, Paulo exerceu, com dignidade, os mais diversos cargos públicos. À frente do Conselho Estadual de Cultura do Piauí por mais de 20 anos, realizou um trabalho extraordinário. Entre tantas outras coisas, dotou o Conselho de uma sede própria.

Se me perguntassem que expressão traduziria bem Paulo Nunes, eu responderia sem pestanejar: um homem cordial. E emprego a palavra cordial nas duas acepções: a usada no dia a dia por todos nós e a outra empregada por Sérgio Buarque de Holanda.

Mas tudo que falei até aqui é sabido e consabido. Falarei então de uma faceta menos conhecida do mestre Paulo. O Paulo, amante da boa mesa, do bom vinho, das conversas picantes... Como não tenho comércio com a

morte, guardarei do velho amigo lembranças alegres.

Certa feita fui visitá-lo em um dos hospitais de Teresina. Convalescia de complicada cirurgia de próstata. Encontrei-o visivelmente aborrecido. É que, pouco antes da minha chegada, outro amigo o visitara. Inconsequente e brincalhão, o visitante sugeriu ao convalescente que melhorar seria deixar o “desconforto inútil” do hospital para “descansar em paz, cercado do carinho dos seus”. Colérico, Paulo o mandou às favas. Ele mesmo fez questão de repetir tudo o que dissera com redobrada indignação. Conhecedor do temperamento do enfermo, limitei-me a retirar do matulão uma garrafa de Corvo Salacuruti, um dos vinhos preferidos do mestre, levantei-a bem alto como se fosse um ostensório e, solenemente, bradei: “Levanta-te, bebe e anda!” Paulo Nunes desatou uma daquelas famosas gargalhadas com o poder de acordar os anjos. Num instante, já conversava com tamanha animação que parecia estar num almoço de confraternização e não num leito de hospital.

Quando eu queria fazê-lo feliz, recitava o soneto “Peregrinação”, de Bandeira, nunca me esquecendo de afirmar: o poeta fez para você. Paulo dizia: “Você me conhece, velho ancião”, e sorria. Certa feita, num rápido perfil que escrevi sobre ele, afirmei: “M. Paulo Nunes aprecia boa literatura, café forte, vinho encorpado e mulher bonita. É um sábio, portanto.” Reafirmo.

## OU DOIDAS OU SANTAS

*(Conversa com Adélia Prado)*

*sôniahelenia*

Falavas um pouco de ti.  
Das tuas viagens, teus sonhos,  
da tua imensa vontade de ser,  
antes de tudo, livre.  
Falavas da tua poesia,  
do quanto criaste.  
Dos sonetos esquecidos nas gavetas,  
das fantasias juvenis,  
dos poemas já amadurecidos.  
Contaste até um – A Serenata –  
em que te vias aflita,  
sem te saberes doida ou santa.

Talvez um pouco das duas  
sejamos nós todas, mulheres,  
pois doidas, seguimos sonhando  
e santas, nos vamos guardando.  
Se doidas, nós nos entregamos,  
se santas, nós nos desvelamos  
em zelos, carinhos, cuidados.  
Mistura de doidas e santas,  
vivemos aventuras tantas  
em sonhos de anos dourados.

# NOSTÁLGICA

*Helena de Macedo*

Sentada na relva, acariciada por uma brisa fresca e de olhos pregados no horizonte, busco um pensamento que me leve. Para tão longe que não encontre o caminho de volta. Mesmo que procure.

Abandono o aqui e agora. Levo comigo a brisa fresca, a imagem gravada do horizonte e esse pensamento alado; ponta que desmancha o nó.

Já não me chegam a Lua, as estrelas, planetas, cometas, e é demasiado cedo para me deixar ir. Procuo um pingo de realidade que me segure.

Não adianta; vagueio mundo fora sem hoje ou amanhã, aqui ou ali, de espírito e mala vazios, abertos a experiências, recordações.

Vou aonde me leva esta vontade indomável de imaginar; atravesso o portal do impossível ao encontro dos desejos mais profundos, fortes emoções, memórias ímpares de uma outra vida, momentos que cortam a respiração, tempos que não voltam.

Faço minhas as aventuras dos grandes heróis dos meus clássicos favoritos; voo em balões, navego sob tempestades perigosas, naufrago em ilhas nunca antes encontradas, praias de conchi-

nhas, areia branca e o fim a perder de vista, dou por mim em cidades de gelo, altas e geladas montanhas, planícies verdejantes, grandes lagos misteriosos, vulcões em erupção, templos, palácios sumptuosos e ruínas ancestrais impregnadas de histórias sobre criaturas míticas, homens musculosos de tanga, mulheres lindas exibindo joias exóticas com turquesas, corais, pérolas negras e outros cristais sem esquecer os amores, as paixões, encontros e desencontros inconsequentes plenos de cumplicidade... e acrescento os meus pontos...

Do topo desse meu mundo olho para baixo sem vertigem. Ponho, disponho. Sou a deusa de todas as coisas. Quando faço subir o pano cada peça está no sítio certo, aguardando as minhas três pancadas.

É o meu favorito, este Lugar Nenhum onde tudo é possível. Um trecho bem fixo na minha fantasia, sempre irrequieta na sua recusa em regressar ao ponto de partida onde me perco e me reencontro.

# POESIA DE CRENÇA NA VIDA

*Salomão Sousa*

Foi lançado recentemente em Brasília o livro *Milharal de sonhos*, da professora Maria do Carmo Pereira Coelho, do Mulherio das Letras, que vem enriquecer ainda mais nosso universo com humanismo. A trajetória valorosa da autora, fiel à riqueza da vida, transparente nos poemas, serve de exemplo para todos nós, pois traz as experiências que hão de tocar e iluminar as futuras gerações. Não há orfandade aonde chega a beleza da poesia, e seu livro traz essa crença no Paraíso terrestre.

Os poemas de Maria do Carmo Pereira Coelho anunciam amor, beijos, uma vida de divertimento. Carecemos dessa crença afirmativa, positiva, que nos assegure a sensação de estarmos integrados à cidade, que não perdemos a confiança no País, que não precisamos de “saber da cegueira dos que lideram”, pois cumprem “a tarefa que lhes é solicitada”. Por ser corajosa, livre, autêntica, sua poesia nos enche de orgulho e nos traz confiança para continuarmos a caminhada.

Trata-se de uma poesia que afirma que o mundo é e continuará a ser nosso lugar de habitação e que temos de enriquecê-lo com nossos vários nomes, com nossos vários príncipes, e que devemos percorrer seus meandros com conhecimento, trabalho e alegria, aproveitando as ofertas de beleza que estão presentes em todos os lugares. Seu livro nos mostra que não viemos ao mundo para lamuriar, mas para aprendizagem e orgulho de podermos existir como parte das demais belezas.

Orgulho-me de partilhar dessa oportunidade de ser amigo de Maria do Carmo Pereira Coelho, de conhecer a sua poesia, de palmilharmos os mesmos territórios e as mesmas crenças. Orgulho-me de dividirmos o mesmo pensamento, sobretudo o pensamento de que podemos “mudar o mundo”, que não existimos para destruí-lo, mas para transformá-lo, e possamos existir numa rede de rosas e harmonias.

*Milharal de sonhos*, que traz apresentação da escritora e editora Clara Arreguy, é uma fatura de crença no mundo. Ele nos diz que, se cumprimos nossa trajetória com fidelidade à vida, teremos nosso quinhão de beleza, de amor e felicidade.

# JARDIM EM QUE FIGURAMOS

*Renato Trindade*

Nesse jardim Terra  
Há flores encantadoras,  
Espinhos, abrolhos  
A chuva cai, indiferente

Cultiva a si mesmo  
Cada ramo desarraigado

Flores e espinhos se multiplicam

A última árvore tomba  
Goteja a última pétala  
Sobre sorrisos cerrados  
Não há mais som.

# UMA PRECE

*Cândido Portinari*

Senhor, Tua branca espada não deixará  
Que penetrem em meu pequeno  
Coração: o egoísmo, a vaidade, a  
Desconfiança e os males...

A luz refletida de  
Tuas coisas me iluminará na estrada real  
Distanciando-me da treva  
Ao lado dos outros nas lutas

Seja eu areia macia que não incomoda  
Que meu olhar atravesse o opaco e perceba  
A erva de Deus não a esmagando  
Sob meus pés.

Dai-me muito amor. Eu o distribuirei  
Nas filas intermináveis  
Se esta prece ouvires forte serei  
E diariamente a farei

Meditando-a com meus  
Atos de cada instante  
Caminharei iluminada, sem me  
Perder na escuridão

Amém.

(Do livro *Poemas de Cândido Portinari*)

# O ESCRITOR QUE NÃO CONSEGUI ENTREVISTAR

Danilo Gomes

**A** cabo de reler um livro sobre Porto Seguro, o paradisíaco rincão da Bahia onde, em 1500, aportou o almirante Pedro Álvares Cabral com sua frota de 13 embarcações, uma das quais (provavelmente a Santa Cruz) comandada por um tal Aires Gomes da Silva, que morreu num naufrágio, na viagem de regresso a Lisboa.

Refiro-me ao volume, de elegante capa dura, intitulado *Porto Seguro*, com reproduções de quadros a óleo e gravuras, do grande pintor Sérgio Telles, também diplomata, embaixador aposentado, **globe-trotter**, nascido no Rio de Janeiro em 1936 e há anos morando na cidade de São Paulo.

O livro traz textos do próprio Sérgio Telles, de sua senhora, Vera Telles (também carioca e diplomata, tradutora e pesquisadora de temas históricos), de Jorge Amado, de Gaston Diehl (crítico de arte francês), de Josué Montello e de Luís Vianna Filho (**sic**).

Aqui quero chegar ao assunto nuclear deste artigo.

Em 1979, quatro anos depois de minha chegada a Brasília, publiquei o livro *Escritores brasileiros ao vivo*, pela Editora Comunicação/MEC-INL, volume 1. Em 1980 saiu o volume 2, pelo mesmo selo editorial, com apresentação de Ary Quintella e prefácio de Wilson Castelo Branco.

Esses dois volumes contêm 67 entrevistas com escritores moradores de Brasília ou que aqui moraram ou por aqui estiveram de passagem. Foram publicadas antes no Suplemento Literário do jornal Minas Gerais (SLMG), fundado por Murilo Rubião e então dirigido por Wilson Castelo Branco.

Dentre os entrevistados, menciono apenas os que já partiram deste mundo: Altimar Pimentel, Ary Quintella, Vianna Moog, Cassiano Nunes, Carlos Castelo Branco (o Castelinho), Domingos Carvalho da Silva, Almeida Fischer, Joanyr de Oliveira, Samuel Rawet, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Mendes Vianna, Herberto Sales, Antonio Carlos Villaça, Josué Montello, Adonias Filho, Alphonsus de Guimaraens Filho, Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta, Curt Meyer-Clason (tradutor de Guimarães Rosa para o alemão), Cyro dos Anjos, Edson Nery da Fonseca, Guilherme Figueiredo, H. Dobal (Hindemburgo Dobal Teixeira), Jorge Amado, José Geraldo Pires de Mello, Aluizio Valle, José Santiago Naud, Nilto Maciel, Paulo Rónai, Olga Savary, Yolanda Jordão, Altino Caixeta de Castro, Octávio de Faria.

\*\*\*

Tentei, algumas vezes, entrevistar Luís Viana Filho, escritor, biógrafo, político, historiador, memorialista, acadêmico. Creio que lhe dirigi carta, como de costume. Conversei com ele algumas vezes, uma delas na presença do então presidente José Sarney, de quem era muito amigo. Tudo em vão. Não consegui a concordância dele para uma entrevista futura. Era um homem com tempo escasso e cronometrado, um político realmente muito importante. Acostumado ao relacionamento com jornalistas políticos de expressão, como Carlos Castelo Branco (o famoso Castelinho), Sebastião Nery, Augusto Nunes, Leonardo Mota Neto, Pedro Rogério Moreira, Oliveira Bastos, Paulo Cotta, Rubem Azevedo Lima, Luiz Gutemberg e outros, ele por certo não queria perder o precioso tempo com um jovem repórter desconhecido de sua alta roda. Até entendendo. Respeito sua biografia e sua bagagem literária. Continuo seu admirador e leitor. Mas eu realmente gostaria de ter feito aquela entrevista, ainda que por escrito. Mas a vida continuou, continua. E o que não aconteceu virou assunto deste artigo de reminiscências brasilienses.

No livro *Porto Seguro*, de e sobre Sérgio Telles, o magnífico pintor, leio os dados biográficos de um dos autores, Luís Viana Filho. Nestes termos:

“Luís Vianna Filho é baiano e nascido em Paris; político, jurista, escritor, é professor catedrático de História do Brasil e Direito Internacional Público, e Senador pela Bahia, Estado do qual foi Governador. Deputado Federal, ex-Ministro de Estado da Justiça, Chefe do Gabinete Civil, Presidente do Senado, o mais importante memorialista brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Academias portuguesas de Cultura, Ciências e História. Condecorado no Brasil e em diversos países estrangeiros, Luís Vianna Filho tem cerca de trinta obras publicadas, entre as quais *A Vida de Rui Barbosa*, *A Vida do Barão do Rio Branco*, *A Vida de José de Alencar*, *A Vida de Eça de Queiroz*, *Três Estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco*, *A Vida de Joaquim Nabuco*.”

\*\*\*

Luís Viana Filho, que hoje dá nome à Biblioteca do Senado Federal, nasceu, como foi dito, em Paris, em 28-3-1908. Diplomou-se em Direito na Bahia. Foi jornalista, jurista, político, professor universitário. Ministro-Chefe da Casa Civil do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Governador do Estado da Bahia. Presidente do Senado Federal. Membro da Acade-

mia Brasileira de Letras, da Academia de Letras da Bahia, da Academia Brasiliense de Letras e de outras instituições, já mencionadas. Além das já citadas, publicou também as seguintes obras: *A Língua do Brasil*, *A Sabinada*, *A Verdade na Biografia*, *O Negro no Brasil*, *Afrânio Peixoto*, *O Último Ano de Rui na Bahia* e *A Vida de Machado de Assis* e *Castelo Branco: Testemunhos de Uma Época*. Faleceu em 5-6-1990.

Biógrafo seguro e minucioso, Luís Viana Filho deixou vasta e valiosa bibliografia e merece todo o respeito do mundo cultural de língua portuguesa. Uma vida honrada e admirável, acima das paixões políticas e das preferências ideológicas.

Não tive a honra de incluí-lo entre meus entrevistados, embora tenha tentado algumas vezes, até em curtos diálogos com ele. Não me lembro se pedi o adjutório do nosso comum amigo Almeida Fischer. De qualquer maneira, não atingi meu objetivo.

Nosso autor consta, em bem informativo verbete, do sempre útil e apreciado *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares, já na 4ª edição.

Na Academia Brasileira de Letras, Luís Viana Filho ocupou a cadeira nº XXII. Seu sucessor imediato foi Ivo Pitanguy. A cadeira é agora ocupada pelo grande romancista João Almino, atual embaixador do Brasil no Equador.

Na Academia Brasiliense de Letras, Luís Viana Filho ocupou a cadeira XXIX, de que é patrono o contista goiano Hugo de Carvalho Ramos. O atual titular da cadeira é o escritor, também goiano, Alaor Barbosa.

Para rematar estas notas de um velho repórter, aqui vai um trecho do notável livro *Paisagens portuguesas – Uma viagem literária*, de Luís Forjaz Trigueiros (1915- 2000), uma edição da Nova Fronteira, 1985:

“Não fui nesse passeio colectivo a Tormes e, portanto, apenas o imagino. E não fui, porque por acaso na semana seguinte ali teria de ir, compromisso de há muito tomado com o meu amigo Luís Viana Filho e que não podia antecipar. Recebi, porém, os ecos imediatos ou quase dessa iniciativa e, sobretudo, pude ver Tormes pela primeira vez, porque, afinal, também eu nunca lá tinha ido.”

Assim, os dois amigos e xarás, profundos conhecedores da obra de Eça de Queiroz, subiram juntos a Serra de Tormes, onde se situava a Quinta de Santa Cruz do Douro (que Eça de Queiroz crismou de Quinta de Tormes), inspiração para o esplêndido romance que é *A cidade e as serras*, onde o romancista diplomata escreveu: “... serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras...”

# O NOVO CORONELISMO EM TORTO ARADO

Ronaldo Costa Fernandes

**T**orto arado tem todo um mérito de ser bem escrito, bem estruturado, em nenhum momento o *tonus* narrativo se perde e o autor constrói uma narrativa densa e segura. Uma leitura sedutora na medida em que vai construindo pouco a pouco as personalidades e os devaneios das duas irmãs negras, protagonistas do romance. São elas que guiam o leitor desde as primeiras páginas quando, crianças, pegam de uma faca e a experimentam na língua, cortando-a.

O que faz o romance claudicar – um belo romance, afirma-se – são as ingênuas construções de uma narrativa que se quer também antropológica, não no sentido da intenção do autor, mas do que se revela no texto romanesco. São as tentativas de uma oposição *vulneráveis x patrões impedidos, camponeses x donos*

*de terra* – estes últimos, descaracterizados, ou melhor, caricaturizados.

Quando apresenta o personagem operando para significar o conflito agrário como Severo, que não tem densidade, a literariedade perde consistência. As personagens das irmãs mais insuflam mimeses e operam o confronto patrão x empregados quando não se furtam ao psicológico, ao mágico do jarê e o cotidiano miserável em que vivem ou sobrevivem os negros da terra.

Gostaria, pois fiz referência aos romancistas da década de 40 do século passado que deram continuidade à prosa regionalista de 30 (Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos etc.), de lembrar um romancista esquecido e que muito contribuiu para uma leitura etnológica da Chapada Diamantina: *Cascalho*, de

Herberto Sales. Aurélio Buarque de Holanda, amigo de Herberto Sales, utilizou-se do livro para dicionarizar algumas palavras do romance sobre a atividade do garimpo e dos maribus. Itamar Vieira Junior se aproxima de Herberto em vários aspectos: a região é aparentada, o desejo vocacionado de criar uma antropologia do viver e sentir da comunidade. Se afastam pelos discursos divergentes (Herberto Sales em alguns momentos cansa ao tentar dar um colorido local das descrições das atividades garimpeiras), pela inclusão da negritude, das discussões da posse de terra, do imaginário do jarê no autor de hoje. Mas em ambos, com justa diferenciação, se encontra o coronelismo que parece não ter fim em nossa civilização brasileira.

## A CHEGADA DA VELHICE

Cícero Avelar F. Sá

**É** muito interessante pensarmos sobre a velhice. Nós a enxergamos nos outros com muita facilidade, todavia não sentimos quando ela se aproxima de nossas vidas e sorratamente nos abraça, nos envolve e nos captura. É realmente intrigante esse modo de ver a vida, porque conduzidos por velhos hábitos nós costumamos ver a velhice como o caminhar para um destino que se afunila para uma vala comum de desgaste, de desuso e de definhamento da vida. Contudo, não só olhando pelo lado menos otimista ou até de bom aproveitamento das energias vitais, outras perspectivas se vislumbram dentro desse caminho já muito conhecido por nós e bastante batido de repetições de viagens, de idas e de vindas. Continuo ainda achando que nós temos muitas outras formas de olhar para essa velhice que amedronta a muitos; contudo um grande contingente de otimistas foge dessa regra assustadora, por entender, ou mesmo por encarar com naturalidade, as fases que a vida se lhes apresenta sem se assustarem ou temerem revezes em suas existências. Costumo olhar para mim e primeiramente volto-me para as partes internas. Verifico meus órgãos com os seus funcionamentos e sincronismo. Acho que tudo caminha a contento. Olho, mas não percebo mudanças bruscas, apenas uma diminuição de potencial vigor físico que costumava experimentar. Todavia por não ser mais o mesmo de muitos anos atrás, também não me percebia ainda com indisposição para encarar as agruras da longa estrada percorrida. Claro que em muitos casos a diferença é cristalina, noutros, nenhuma diferença, principalmente quando paramos para olhar o nosso lado mental. Parece não haver divergência entre o atual e o pretérito de muitos anos. A mente desfila com desenvoltura pelos caminhos pelos quais se aventura. É bastante confortável. É até estimulante pensarmos que os anos passando com muita velocidade desde o nosso nascimento, até o momento atual, onde somamos sempre mais uma década, mais outra e mais outra e assim sucessivamente, sem percebermos lá se foi metade de um século e o cenário parece ser o mesmo. Não notamos diferença no primeiro

momento. Só quando paramos para fazer comparações entre o antigo e o atual momento. Ante esse panorama que de repente paramos para observar é que percebemos o tempo ter mudado, os ambientes também terem mudado e as pessoas com quem convivemos, muitas se mostram bastante diferentes daquelas com as quais costumávamos coabitar. Outro choque vem nos trazer a uma realidade espantosa, quando olhamos para o nosso exterior. Aí quando passamos a olhar mais detidamente para o nosso exterior é que percebemos o quanto nós mudamos. E o susto vem quando paramos diante do espelho. A começar pelo rosto, parece estarmos olhando para outra pessoa. Os olhos, quase indefinidos, parecem estar um pouco sumidos dentro das órbitas. A boca toma outro formato e os lábios que antes possuíam vértices acentuados começam a perder a bela aparência da arquitetura que a natureza nos empresta. Sobre os lábios superiores começa a surgir esboço de teclados de pianos, insinuando nova aparência no sorriso e uma expressão sisuda durante os momentos de inflexões impostos pela vida. São momentos relevantes de observações e reflexões. É uma situação nova, em que apresenta muitas situações para refletirmos, mas que não impõe medo. Apenas induz a um pensamento mais demorado sobre o que é a vida. O que ela nos dá ou oferece de bom, desde que haja continuidade na trilha da construção com serenidade e acertos.

Marco Túlio Cícero, consul romano, grande jurista, filósofo e excelente tribuno, escreveu um livro sobre “Saber Envelhecer” e fez lindas abordagens, das quais citamos — Sobre a velhice: “É preciso servir-se daquilo que se tem e, não importa o que se faça, fazê-lo em função de seus meios”. – porque a falta de vigor não é o inconveniente, “quando muitos velhos são tão fracos que não podem mais sequer assumir qualquer dos encargos ligados a uma função ou simplesmente à vida. Mas esse defeito não é próprio da velhice; é uma questão de saúde”. Resumindo: a velhice não é sinônimo de falta de forças. E ninguém exige dela ser forte!

# SONETOS ITALIANOS

Márcio Catunda

## MARCIAL

Foi famoso na arte do epigrama.  
Foi lido até por um centurião.  
Com os pilantras da mesa ou da cama,  
fez a mais debochada gozação.  
Do imperador, do escravo ou da mucama,  
ironizou a vil depravação.  
Quando em Roma a moral era só lama,  
seu crivo não poupou nenhum bufão.  
Assim, Marco Valério Marcial  
exerceu com cinismo o seu ofício  
de combatente do pérfido vício.  
Castigou a calhorda marginal;  
bandalhos reduziu ao orifício,  
esse filho da Espanha triunfal.

## ARETINO

Aretino, o dos versos zombeteiros,  
foi amigo de pulhas e cardeais.  
Organizou colóquios putanheiros  
e escreveu salmos penitenciais.  
Em Roma, fez comícios clericais.  
Em Veneza, frequentou os mosteiros.  
Fornicador convicto e contumaz,  
levou Ticiano aos bordéis feiticeiros.  
Devasso e libertino entre os ateus,  
celebrou da musa o florão veludo,  
que ao mulherio ostenta tão sanhudo.  
Da liberdade fez o seu escudo;  
viveu na orgia, embrenhou-se nos breus  
e morreu confessado e em paz com Deus.

## CASANOVA

Além da forja vítrea de Vulcano,  
jaz Chiesa degli Angeli, da freira,  
que de Casanova impressionou de engano,  
levando-a na sua barca sorrateira.  
O sedutor galã foi a Murano,  
não para meditar na sua ribeira.  
Chegou veloz, qual bóreas, minuano,  
resgatou do convento a companheira.  
Tarado por mulher, o velho esteta,  
trocava antífona por bela tela,  
dos arcos de San Marco ao monastério.  
Fescenino de notável critério,  
sucumbia às paixões, e nada sério,  
se derretia por uma ninfeta.

## O PERCURSO

Paulo Fernando Silveira

Se o termo final da vida, apesar de dia incerto, é preempório e fatal,  
nada restando do indivíduo senão os lapsos de seu ativo passado –  
quando se sentia invulnerável, importante, poderoso e quase imortal –,  
lances preservados apenas na memória dos vivos e, de modo acentuado,  
na daqueles que lhe foram íntimos, notadamente dos parentes e amigos do falecido,  
caso suas ações tenham sido dignas de lembrança, sendo assim computado  
como foi o caminho nesta terra por ele breve e celeremente percorrido.

Diariamente, milhares de pessoas nascem inconscientes, sem pedir ou querer  
e, abrupto, ingressam neste mundo das necessidades, que antes não lhes pertencia,  
enquanto outras tantas, no mesmo instante, perecem anônimas, obscuras, sem se enaltecer.  
À medida que os recém-chegados a esta realidade começam a entender a vida,  
muitos, experientes e bem informados, dela partem a contragosto, sem guarida,  
percebendo que o trajeto – que chegou ao destino final, certo e inelutável –, consistia  
num obstáculo apavorante, barreira férrea aparentemente irremovível e intransponível,  
de cujo escape, superação ou passagem para outra dimensão parece ser impossível.

A vida, por ser única e insubstituível, é excepcional, ímpar, bela e bastante preciosa,  
por isso não deve ser perdida ou desperdiçada com atitude ociosa, vã, leviana e insensata,  
sendo o seu valor medido pelas obras, serviços e ideias que beneficiem a humanidade,  
já que, pela contínua procriação – premissa silogística evidente, de irrefutável verdade –,  
felizmente, o indivíduo, de duração efêmera e de constituição perecível e frágil,  
faz, afinal, a espécie inteira triunfar grandiosa sobre a morte singular inevitável.

Ao morrer, o homem deixa do universo suas belezas deslumbrantes e admiráveis,  
tais como o esplendor do sol, o brilho da lua e das estrelas fulgurantes,  
as verdes campinas e, ondulando na linha do horizonte, os íngremes montes,  
os imensos oceanos, os plácidos lagos e os rios prateados, de peixes incontáveis,  
as densas florestas, suas flores e seus frutos e os animais que nelas habitam,  
os belos pássaros, de plumagem colorida, e os cantos inebriantes que suscitam.  
Nunca mais verá tesouros como estes, a que não deu valor por serem naturais e abundantes.

Deixa, também, em prantos, a família e as pessoas a ele devotadas,  
que o criaram, confortaram e ampararam, eis que surpreendidas e feridas  
– atônitas e perplexas – por tão singular, inesperado e cruel evento,  
que lhes causa extraordinário espanto, aguda dor, angústia contínua e atroz tormento,  
os quais entes queridos, também, por sua vez, ele amou profundamente. Agora,  
tudo se apagará, quando for envolvido, gélido, pela mortalha e para sempre for embora.

# NO CENTENÁRIO DE CASSIANO, EM COMUNHÃO POÉTICA

*Edmilson Caminha*

**S**e me pedissem para marcar, literariamente, o ano de 2021, diria: nele se comemora o centenário do nascimento do professor, ensaísta e poeta Cassiano Nunes. A grandeza humana, a doçura espiritual e a força da vocação literária que o distinguiam só as encontrei em Antonio Carlos Villaça, o memorialista de *O nariz do morto*, ambos autores de livros a que deram, não por coincidência, o mesmo título: *Literatura e vida*. É que, para eles, uma obra não se dissocia da existência de que é fruto, não se aparta dos sentimentos, dos sofrimentos, dos encontros e desencontros, das paixões que geram a prosa e a poesia com que buscam os escritores viver o destino a que são condenados.

Paulista de Santos, onde nasceu em 1921, Cassiano deve ter visto na mãe portuguesa, machadianamente chamada Capitolina, o prenúncio do sonho que cedo se propôs realizar: “Nunca fui nem quis ser outra coisa, na vida, que um escritor. Aos 16 anos, comecei a escrever para a imprensa e nunca mais parei”. Profissão que exerceu sem a empáfia dos vaidosos e a hipocrisia dos falsos modestos: “Fiz conferências na Sorbonne, em Paris, e no Sindicato dos Padeiros, em São Paulo”. Deixou o jornal santista *A Tribuna* para estabelecer-se na capital do estado, com modestos empregos na secretaria executiva da Câmara Brasileira do Livro e na Editora Saraiva, em que lançou o romancista Marcos Rey e as primeiras edições brasileiras dos norte-americanos Herman Melville e Henry James.

Em 1947, vai estudar a literatura dos Estados Unidos na Miami University, em Ohio, quando apresenta um trabalho comparativo da obra de Monteiro Lobato com a de Mark Twain. Em 1956 parte para a Alemanha, onde faz cursos na Universidade de Heidelberg e dá aulas sobre a moderna poesia brasileira. Lá ficou 13 meses, que resultaram no livro *Sedução da Europa* (1958), com suas viagens pela Alemanha, Suíça, Itália, França e Portugal. Na pequena cidade alemã de Schwäebisch Hall, fica a imaginar uma representação em teatro ao ar livre do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; em Zúrique, surpreende-se com o dinheiro que recebe por um artigo – acostumado, no Brasil, a escrever de graça; nos arredores do Coliseu, diz elegantemente, a um malandro que lhe propõe negócio lucrativo, que não fora a Roma para ganhar dólares, mas para gastá-los; e estranha, entre os europeus de maneira geral, a inapetência pelo banho diário, de que os brasileiros não abrimos mão.

De volta ao Brasil, junta-se a Antonio Candido e outros professores para fundar, em 1958, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (SP). De 1962 a 1965, leciona literatura brasileira na New York University, docência em que terá como sucessor o crítico Wilson Martins. “Estou desempregado”, escreve, sem novo trabalho à vista, para o amigo Carlos Drummond de Andrade, que lhe responde: “Não está, não. Vá para Brasília e procure o nosso Cyro dos Anjos, que tomará as providências junto à Universidade”.

No Planalto Central, Cassiano Nunes protagoniza admirável trajetória como professor, como ensaísta, como poeta e, sobretudo, como ser humano, a viver com discrição em um ambiente que me parecia virado pelo avesso – de casa em que havia uma biblioteca transformou-se em biblioteca que continha uma casa, com livros a ocupar todos os cômodos:

Não tendo automóvel nem empregados que me façam as compras indispensáveis, devo eu próprio sair de casa para atender às necessidades da minha vida, na verdade, bem modesta. Portanto, ando muito pela cidade e, de modo especial, na W-3 Sul, onde encontro muitos amigos e conhecidos. Encontro também um número considerável de mendigos e de loucos. Quase todos eles já me conhecem e me pedem esmolas. A maioria desses infelizes é cordata, mas há também, entre eles, tipos especiais, dados a uma certa agressividade.

Em poucas linhas, muito do homem: o cotidiano singelo, o gosto por andar a pé, o prazer da convivência social, a atitude solidária para com os que sofrem. Em artigo sobre a extinção dos manicômios, fala, com franque-

za comovente, sobre os episódios depressivos que o atormentavam durante meses:

Sou leigo em psiquiatria, é verdade, mas, como durante anos sofri de depressão (que, no meu entender, é eufemismo para começo de demência), tenho alguma coisa a dizer sobre o assunto. Nesse período doloroso, sendo eu velho e só, e sentindo-me incapaz de dirigir a minha vida, o que eu mais temia (é uma confissão que vou fazer) era acabar na rua, no desamparo, como infelizes alienados que via e ainda vejo dormindo nas calçadas da cidade. Nesse tempo, eu aspirava a um recanto de paz, um retiro seguro e sereno que me acolhesse e em que cuidassem de mim.

Em 2002, escreveu-me: “A moléstia nervosa que me atacou tirou-me o prazer e a alegria de tudo, até da leitura. Parece-me que, recentemente, chegou o tempo da convalescença, e, com ela, voltou-me o interesse pelos livros.” Doença que preocupava os amigos, como João Antônio, que me alertou em carta de 1995: “Cassiano precisa de atenções. Sei o que digo.” Éramos todos cuidadosos com quem tanto cultivava as relações humanas, o amor ao próximo, a solidariedade fraterna.

Prosador admirável, Cassiano escrevia com a fluência espontânea de quem conversa. As muitas páginas em que poderia discorrer sobre o caldeamento étnico brasileiro resumiam-se a uma frase: “Imaginem os senhores que um dia, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, deparei com um chinês vendendo quibe...” Sobre as apresentações de obras que lhe demandavam tempo e esforço, diz, com franqueza honesta:

Escrevi muitos prefácios. Cerca de trinta, pelo menos, creio. Sempre gostei de anunciar o que me agradou e merece um conhecimento maior. Contudo, na carreira literária, a que sou fiel desde a adolescência, chegou o instante – visto que atingi idade avançada – de me restringir a um único assunto, o assunto final, que não deve ser perturbado: a narrativa de minha vida, não porque ela tenha sido importante, mas porque foi rica de tarefas significativas e amizades inesquecíveis. Portanto, digo adeus aos prefácios.

E arremata com um toque de humor, a lembrar amigos para o cumprimento da tarefa: “A quem desejar um prefácio bem-feito, aqui em Brasília, recomendo os colegas João Carlos Taveira, Anderson Braga Horta, Joanyr de Oliveira, Branca Bakaj...”

Senhor, como se vê, de uma prosa que o distinguiu, Cassiano Nunes foi, principalmente, um grande, luminoso poeta, da linhagem intimista a que pertencem Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Mário Quintana. Poemas como “Bicicleta” encantam pela pureza, pela graça, pelo frescor:

*Se eu tivesse bicicleta,  
muito bicicletaria!  
Iria à ilha de Creta  
e às matas da cafraria.  
Antes da idade provecta  
muitas terras correria.  
Minha ambição predileta  
é ser vento e geografia!*

Em “Contemplando o Porto de Nova Iorque”, a delicadeza de sentimentos, a melancolia suave:

*Amo o que há de ambíguo  
num porto de mar,  
que convida a partir  
e ensina a ficar...*

Mais significativas, porém, são as criações em que o poeta assume a homossexualidade a que deu grandeza humana e força moral. Como nos poemas de *Madrugada* (1975), em que comparte suas fantasias “lírico-eróticas”, segundo a dedicatória no exemplar que afortunadamente comprei em um sebo:

#### ASPIRAÇÃO

*A noite extraordinária em que vieres,  
desabe um poderoso temporal...  
Tensos, tácteis,  
nos descobriremos  
na praia escura da nudez.  
No claro desafogo da madrugada,  
o tamborilar da chuva  
nos oferecerá seu jubiloso ritmo  
e, à melodia líquida das calhas,  
eu possa, com os olhos ardentes,  
contemplar, na penumbra aconchegante,  
teu corpo luminoso.*

Nos *Poemas de um velho*, “O herói do cotidiano” é mais explícito, sem nada a esconder ou dissimular:

*Voyeur,  
fetichista,  
homoerótico,  
sádico e  
masoquista,  
são espectros de mim,  
que se enfurnam  
no covil da Noite.*

Em 15 de outubro de 2007, significativamente no Dia do Professor, morria Cassiano Nunes, aos 87 anos. A memória de quem foi e do que fez se preserva em um espaço que lhe recebeu o nome, na Universidade de Brasília, sob a zelosa direção da Professora Maria de Jesus Evangelista. Ao escritor cujo centenário se comemora em 2021, o reconhecimento do que lhe ficamos a dever, na louvação do jornalista Maurício Melo Jr.:

O homem Cassiano Nunes nasceu em Santos, à beira do mar de São Paulo. Já o poeta é anterior a esse fato. Traz no canto um gesto longínquo, um sentimento atávico, um formato histórico que se traduz na qualidade de versos precisos. Sua “ambição predileta” era “ser vento e geografia”. Conseguiu. (...) Aposentado, vive de poesia e viagens. E para onde vai leva somente a lucidez de sua inteligência e a leveza de sua poesia. Do cansaço, repousa numa casa-biblioteca. No mais é a vida cercada de amigos, é o carregador da felicidade. Cassiano é vento. Transborda geografias.

## A PRINCIPAL LIÇÃO DA COVID PARA O MUNDO: TODOS SOMOS UM

*José Alberto Couto Maciel*

**C**reio que a covid está sendo vencido em todos os países, alguns de forma mais rápida e, em especial, em decorrência das vacinas criadas por abnegados cientistas de todo o mundo.

Mais algum tempo e poderemos lembrar esses dois anos desastrosos e limitantes para todos, com mortes, doenças graves, sequelas, perda de empregos, fechamento de empresas e tudo de grave que aconteceu durante a pandemia.

Mas um pensamento me ocorreu que me parece pode ser a lição que todos nós poderemos aprender em razão da covid.

É que a doença foi transmitida pela respiração. Sim, a respiração, o ar que respiramos é que trouxe a covid e que passou de um para outro. E a humanidade, durante anos e anos, estragou muito o ar que nós respiramos e que respiram os animais e as plantas.

Acontece que esse ar que respiramos e que passa a covid é o mesmo ar que respirou Jesus Cristo, o mesmo ar que respiraram os filósofos antigos, o mesmo ar que respiraram os grandes imperadores, reis, políticos, artistas, gente como Picasso, Pavarotti, Maria Callas, ar que respira Pelé, ar que respirou Juscelino Kubitschek, inspiração e expiração de

juristas fantásticos como na minha área trabalhista Sussekind, Délio Maranhão, ar que respiram os acadêmicos atuais da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Direito do Trabalho, de outras academias e maravilhosas pessoas que foram líderes no mundo todo.

A vida, na verdade, é o ar que respiramos. A criança começa a viver com a primeira respiração, inspiração e expiração e assim segue até a morte. As árvores e plantas respiram da mesma forma, assim como os animais.

Então a vida é o ar que entra e sai. Mas não importa a época desse ar que se expira, porque o ar não tem tempo, mas se mistura com todo o ar que existe e que foi inspirado e expirado por alguém.

Assim, desde meu nascimento que vivo respirando o ar que alguém que está ao meu lado expirou, que Jesus expirou, que a árvore do meu jardim expirou e que meu cachorro expira.

Na meditação você se aprofunda mediante a inspiração e expiração e assim foi e assim é desde a antiguidade, porque é no espaço da respiração que você encontra o seu verdadeiro ser.

Ora, nós somos, na verdade, um só, porque inspiramos o mesmo ar que todos, no

passado e no presente, já expiraram e a vida nada mais é do que a respiração.

Mas por que alguns demonstram amor e outros ódio, mediante a respiração comum a todos? Acredito que todos nascem e recebem a respiração para a criação da vida e não há criança ou animal, nem planta, que não demonstre amor no nascimento. Os pensamentos e emoções que possam nos surgir e que sejam ruins, têm uma carga pesada no ar e desaparecem, como nuvens, e pelo peso baixam e não são inspirados, a não ser que, por livre arbítrio, o ser humano o adote, pois você não vê essa adoção nas plantas e nos animais.

Verificando, porém, como a inspiração é pura, se afastarmos o que vem em nossa mente de negativo, expiraremos para o mundo um ar limpo que será misturado ao ar de todos aqueles que vivem e viveram do amor com que nasceram.

A covid foi no meu entender, a lição para todos nós, de que não se deve estragar o ar, pois não é essa a função para a qual foi criado, caso contrário tudo acaba.

E se todos de que somos um só, porque o ar que respiramos é o mesmo dos que vivem e dos que viveram, creio que poderemos nos unir para criar um mundo cada vez melhor.

# A DEDICATÓRIA

Jorge Fernando dos Santos

“Quando dois narcisistas se olham, fica difícil saber qual deles é o espelho. Mas uma coisa é certa: quando dois espelhos são colocados frente a frente, o que se vê é um imenso vazio.”

– O que você quis dizer com essa epígrafe?  
– É só um pensamento que me ocorreu.  
– É impressão minha ou você quis me atingir?  
– Como assim, te atingir?  
– Não quis dizer que eu sou narcisista, quis?  
– Todo mundo tem um pouco de narcisismo, qual o problema?  
– Não gosto de indiretas, Eugênio. Você sabe.  
– Nem tudo que um ficcionista escreve deve ser levado ao pé da letra.  
– E que dedicatória é essa: “Para Stela, com amor e gratidão”?  
– Não gostou?  
– “Com amor e gratidão”? Só isso?!  
– Como assim, “só isso”?!  
– Devia ter escrito algo do tipo: “Para Stelinha, luz da minha vida”.  
– Está implícito, você não acha?  
– Devia estar explícito, para que todos soubessem.  
– Mas todos já sabem.  
– Essa dedicatória serve para qualquer uma das suas mulheres.  
– Minhas mulheres?! Que história é essa, Stela?  
– Sua ex-mulher, uma das suas amigas, talvez a sua amante.  
– Era só o que faltava! O livro é dedicado a você e à minha filha.  
– Tem razão, mas podia ter especificado quem é a Stela.  
– Tá bem, eu peço pra mudar na reimpressão.  
– A primeira impressão é que fica, Eugênio. Essa é uma prova de que já não sou tão importante na sua vida.  
– Que é isso, Stelinha? Não precisa ficar assim.  
– E queria que eu ficasse como?  
– Que se sentisse orgulhosa. Que pelo menos comentasse a qualidade da edição e do projeto gráfico... O editor acha que eu vou ganhar o Jabuti.  
– E se a crítica não gostar?  
– Será mais uma prova de que escrevi uma obra-prima.  
– Você se acha o Hemingway, não é?  
– E quem é Hemingway?  
– Não seja engraçadinho, você também não é o Woody Allen.  
– Mas até que eu me esforço.  
– Ora, me poupe!  
– Melhor ser personagem numa comédia dele do que num drama de Nelson Rodrigues, não acha?  
– Não sei o que seria pior.  
– Mas me diga, o que achou do título?  
– *Paixão segundo Narciso*... É, até que soa bem.  
– Fico feliz que tenha gostado. Sua opinião é muito importante.  
– Mas você nem esperou eu ler os originais.  
– Eu te passei há seis meses, lembra?  
– Estava muito ocupada com a minha tese.  
– Podia ter arranjado um tempinho.  
– Por que será que as suas coisas são sempre mais importantes do que as minhas? O mundo não gira ao seu redor, meu querido.  
– O editor não podia esperar indefinidamente.

– Mostrou pra outra pessoa antes de publicar?  
– Só foi lido por ele e pela revisora, naturalmente.  
– E quem é a revisora?  
– Não conheço. O nome está nos créditos, junto da ficha catalográfica.  
– Você tem outra, não tem?  
– Outra revisora?  
– Não, Eugênio, outra mulher.  
– Que é isso, meu bem?  
– Pode confessar! Você tem um caso com aquela sua amiga, eu sei.  
– Amiga? Que amiga?  
– A Juliana, quem mais?!  
– Juliana? Juliana é casada.  
– Malcasada, você quer dizer.  
– Não sei nada sobre isso. A vida alheia não me interessa.  
– Todo mundo sabe. Não se faça de desentendido.  
– Qual é? Ela nem é minha amiga. Somos apenas colegas de redação.  
– E você vive fazendo hora extra, não é?  
– Todo jornalista faz hora extra. A notícia não tem hora de acontecer.  
– O clichê não cola. Vai me dizer que não saem depois do expediente.  
– De vez em quando vamos ao boteco com a turma, o que tem isso?  
– Eu é que pergunto. Tenho certeza que vocês dois têm um caso.  
– Deixa disso, Stela!  
– Ela vive curtindo suas postagens.  
– Não tem nada a ver. Muita gente curte.  
– Ela curte todas, que eu sei. É só você escrever alguma coisa e num minuto: plim! Juliana curte ou comenta. Por que será que ela faz isso?  
– Pergunte a ela.  
– Não seja cínico! Você também curte as postagens dela.  
– De vez em quando.  
– Na semana passada, compartilhou um poema que ela escreveu.  
– Escreveu não, ela postou uma frase de Fernando Pessoa: “A alma humana é um abismo, eu é que sei”.  
– Quem sabe sou eu, não adianta negar. Confessa tudo de uma vez!  
– Tudo o quê?  
– Aquele dia em que a vimos no aniversário do seu editor, lembra? Eu notei o quanto ela ficou nervosa.  
– Como assim, nervosa?  
– Nervosa, ué. Toda vez que me vê ela fica sem graça, corada, com a voz trêmula feito gelatina. Por que será?  
– Só perguntando a ela, eu já disse.  
– Eu vi quando você olhou o decote.  
– Que decote?  
– O decote do vestido vermelho, mostrando os peitos da pombajira.  
– Se eu olhei, foi num ato involuntário. Eu nem me lembro disso.  
– ...  
– Outro dia ela estava numa sorveteria, sabe? Lá perto da faculdade.  
– Ela quem?  
– A Juliana, de quem mais estamos falando?... Ela estava com o Zé Carlos, aquele colega de vocês. Ele faz pós-graduação em marketing, sabia?

– Não me interessa.  
– Tá com ciúme, é?  
– A ciumenta aqui é você.  
– Ciumenta, eu? Até parece... A dondoca estava com a mão na perna dele. Pareciam tão íntimos, os dois pombinhos!  
– Não é problema meu. Simples assim.  
– Simples, coisa nenhuma. Isso prova que ela trai o marido.  
– Se for verdade, também prova que não temos um caso, concorda?  
– Você é que pensa. Ela é do tipo que vai com qualquer um.  
– Eu não sou qualquer um, nós nunca ficamos, e você não deveria julgar as pessoas desse jeito.  
– Por acaso é advogado dela?  
– Não tenho nada a ver com a Ju.  
– Ju? Juju? É assim que você chama a vadia?  
– É o apelido dela na redação.  
– Me engana que eu gosto. E ela por acaso chama você de Geninho?  
– Somente a minha mãe me chamava assim.  
– Sei...  
– Melhor mudarmos de assunto, Stela.  
– ...  
– Você perdeu o interesse por mim, Eugênio. Seus olhos não brilham mais quando você me olha.  
– Devem ser as lentes de contato. Troquei na semana passada.  
– Não tem graça nenhuma.  
– Ora, Stela, você nem leu os originais do meu livro.  
– Não me venha com cobranças.  
– Semana passada eu queria transar, e você disse que estava com dor de cabeça, lembra?  
– Não muda de assunto.  
– Não foi a primeira vez que usou a velha desculpa.  
– Sexo não é tudo na vida.  
– Não é tudo, mas é cem por cento. Pelo menos pra mim.  
– Dá um tempo, Eugênio. Eu ando muito cansada.  
– E você pensa que vida de jornalista é sopa? Que escritor é tudo vagabundo?  
– Nem todos! De qualquer forma, sua rotina não se compara à de uma professora universitária. Tenho trabalhado muito, você nem imagina. O nível dos alunos anda abaixo da crítica. E ainda tem o doutorado... Mas tudo bem, eu sou sempre a culpada. É sempre assim.  
– Não precisa fazer drama, Stela. Eu sei que você tem trabalhado muito e anda às voltas com a conclusão da sua tese. Olha, eu vou autografar um exemplar com uma dedicatória bem carinhosa, okay?  
– Bobagem. Talvez eu nem mereça.  
– Para com isso, meu bem, claro que merece. Vamos colocar uma pedra em cima desse assunto, pode ser?  
– Tá bem. Faça uma dedicatória assim: “Para Stelinha, luz da minha vida, musa de toda a minha inspiração”.  
– Não acha um pouco exagerado?  
– Exagerado?! É, pensando bem, você tem razão. Quer saber? Escreva simplesmente: “Para Juju, a verdadeira luz da minha vida”.